



DO IMAGINÁRIO DAS PINTURAS ORIENTALISTAS ÀS PROPAGANDAS TURÍSTICAS DO MAGREBE CONTEMPORÂNEO

CAMILA DAZZI¹; ISABELA LOUREIRO²

¹ CEFET/RJ / camila.dazzi@cefet-rj.br

² CEFET/RJ / isabela.loureiro@cefet-rj.br

RESUMO EXPANDIDO

Nosso artigo objetiva, de modo mais amplo, lançar luz ao potencial da arte na constituição e perpetuação, ao longo do tempo, de imaginários sobre destinos turísticos. Partimos do pressuposto de que pinturas de diferentes épocas influenciaram potenciais viajantes, funcionando como estímulos turísticos diretos e indiretos. O estudo dos imaginários criados sobre as destinações turísticas não é uma adição recente ao campo das pesquisas em turismo. Desde a década de 1980, a percepção pelo sentido da visão tem um papel importante em alguns modelos de tomada de decisão de viagem desenvolvidos (Woodside; Lysonski, 1989). No entanto, as relações entre as pinturas oitocentistas e o imaginário criado sobre os destinos turísticos ainda são superficiais e escassas, sendo necessário, como coloca Charlotte Echtner (1991, p.38), em *The Meaning and Measurement of Destination Image*: “to develop more specific and more complex conceptual frameworks and methodologies in order to reliably and validly measure destination images”. No presente estudo, trabalhamos com a hipótese de que as agências de turismo contemporâneas se apropriam de elementos das pinturas orientalistas ao divulgarem o Magrebe como destino turístico. Constatamos a perpetuação de detalhes de um imaginário construído durante o período de colonização da África do Norte, na segunda metade do século XIX, que, anacronicamente, permanece até hoje e torna visível a sobrevivência e o encontro de temporalidades contraditórias. (DIDI-HUBERMAN, 2002). Sendo assim, uma imagem, como a encontrada no site de turismo *The Blonde Abroad* (figura 1), e disponibilizada mais abaixo, pode ser compreendida muito mais que um simples registro do mundo real. Ela traduz a sobreposição de tempos distintos, em que o passado está detido no presente, sendo este anacrônico e possibilitando propensões sobre o futuro. Desse modo, a sobrevivência do imaginário orientalista abre fendas nos modelos de temporalidade, revelando paradoxos, ironias, distorções ou hipérboles de uma possível realidade cultural que o turista encontra nesse território. São explorados e recuperados os traços de um imaginário que emergiu e se construiu na arte orientalista oitocentista e que direciona o olhar do turista para o aspecto exótico, pitoresco, sensual e imutável que caracterizou a arte do referido período. Nesse sentido, por meio da análise comparativa das pinturas oitocentistas e das propagandas turísticas atuais, apresentamos uma reflexão sobre o modo como o imaginário orientalista do século XIX foi perpetuando, contribuindo para o brand image da do Magrebe como destino turístico. O texto tem o potencial de despertar nos seus leitores uma autoconsciência histórica, conduzindo-os a novas propostas



decoloniais de como ver, divulgar e praticar o turismo nesse e em outros territórios, bem como lança a proposta inovadora de relacionar os estudos da história da arte aos do turismo, bem como lança a proposta inovadora de relacionar os estudos da história da arte aos do turismo, redimensionando a importância das pinturas do Orientalismo do Oitocentos.

PALAVRAS-CHAVE:

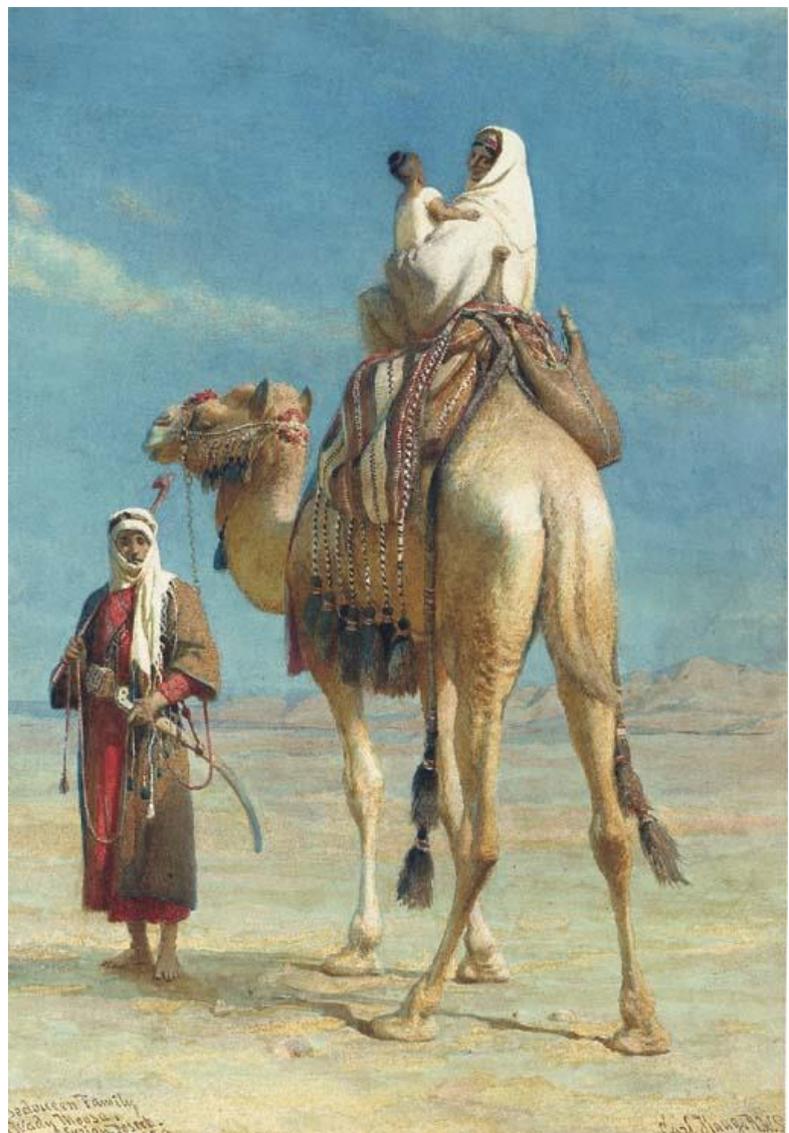
1. Pintura Orientalista. 2. Imaginário Turístico. 3. Magrebe.

PERGUNTAS-CHAVE:

1. Se todas as “viagens começam no momento que passam a ser imaginadas” (Rachid Amirou), em que medida o estudo dos imaginários criados pela arte oitocentista pode se relacionar com o campo das pesquisas em turismo?
2. Como a percepção pelo sentido da visão tem um papel importante em alguns modelos de tomada de decisão de viagem desenvolvidos até o momento (Woodside e Lysonski), que contribuições podem trazer o estudo das relações entre a arte orientalista do século XIX e o imaginário atual sobre o Oriente como destino turístico?
3. O estudo da comercialização na contemporaneidade do imaginário construído pela arte orientalista do século XIX pode contribuir para suscitar debates decoloniais, com potencialidade de reinventar a prática do turismo na África do Norte (Magrebe)?



IMAGENS:



THE BLONDE ABROAD: *Is Marocco Safe for Female Travelers?*, 2020.

Fotografia de turista loira no deserto, com um camelo.

Fonte: <https://theblondeabroad.com/what-to-wear-in-morocco-as-a-female-traveler/>

CARL HAAG: *A Bedouen Family in Wady Mousa, Syrian Desert*, 1859.

Watercolor on paper; Size: 50.1 x 34.9 cm.

Fonte: <https://www.christies.com/lotfinder/Lot/carl-haag-german-1820-1915-4515864-details.aspx>